

EFRAÍM CARDOZO E O NOVO REVISIONISMO SOBRE A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

Jeremyas Machado Silva¹

Resumo: O presente artigo descreve as diferentes historiografias que versam sobre a Guerra da Tríplice Aliança – 1864 – 1870 e demudam os pontos de vista dos historiadores a propósito do conflito, sobretudo, no Brasil e no Paraguai. As correntes citadas são: historiografia tradicional ou de trincheira; historiografia positivista ou republicana; historiografia revisionista lopizta ou revisionista nacionalista; historiografia anti-imperialista; nova historiografia ou novo revisionismo. Do mesmo modo, destaca-se que a historiografia estabelece, não apenas, uma explicação da história, mas, principalmente, torna-se uma representação da mesma. Além disso, apresenta-se a obra do historiador e político paraguaio Efraím Cardozo (1906 – 1973) e a importância dos seus escritos que realizaram uma crítica sobre o lopizmo no Paraguai, especialmente, entre as décadas de 1960 e 1970.

Palavras-chave: Efraím Cardozo – Historiografia – Paraguai – Guerra da Tríplice Aliança.

Resumen: Este artículo describe las diferentes historiografías que tratan sobre la Guerra de la Triple Alianza - 1864 - 1870 y establecen los puntos de vista de los historiadores sobre el conflicto, especialmente en Brasil y Paraguay. Las corrientes citadas son: historiografía tradicional o trincherera; historiografía positivista o republicana; historiografía revisionista lopizta o revisionista nacionalista; historiografía antimperialista; nueva historiografía o nuevo revisionismo. Del mismo modo, cabe destacar que la historiografía establece no solo una explicación de la historia, sino que, sobre todo, se convierte en una representación de la misma. Además, se presentan el trabajo del historiador y político paraguayo Efraím Cardozo (1906-1973) y la importancia de sus escritos que llevaron a cabo una crítica del lopizmo en Paraguay, especialmente entre los años sesenta y setenta.

Palabras clave: Efraím Cardozo - Historiografía - Paraguay - Guerra de la Triple Alianza

Abstract: This article describes the different historiographies that deal with the War of the Triple Alliance - 1864 - 1870 and detract from the historians' points of view regarding the conflict, especially in Brazil and Paraguay. The currents cited are: traditional or trench historiography; positivist or republican historiography; lopizta revisionist or nationalist revisionist historiography; anti-imperialist historiography; new historiography or new revisionism. Likewise, it is noteworthy that historiography establishes not only an explanation of history, but, above all, it becomes a representation of it. In addition, it presents the work of the Paraguayan historian and politician Efraím Cardozo (1906 - 1973) and the importance of his writings that carried out a criticism about the lopizmo in Paraguay, especially, between the 1960s and 1970s.

Keywords: Efraím Cardozo - Historiography - Paraguay - War of the Triple Alliance.

A História não é composta tão-somente por eventos, mas, sobretudo, pelo poder simbólico que estes exercem na sociedade. Neste viés, a historiografia estabelece, não apenas, uma explicação da história, mas, principalmente, torna-se uma representação da mesma. Logo, esta representação é a “[...] relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga [...]”. (CHARTIER, 1991, p. 184). Assim sendo, a representação interfere na compreensão dos fatos e dos processos históricos, regendo um imaginário sobre o passado adentro do período contemporâneo.

¹ Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professor nas Faculdades Integradas Machado de Assis e Instituto Educacional Dom Bosco – Santa Rosa – RS. E-mail: jeremyass@gmail.com

“Nietzsche situa a sua exigência de ‘atualidade’, a sua ‘contemporaneidade’ em relação ao presente, numa desconexão e numa dissociação.” (AGAMBEN, 2009, p. 58). Deste modo, de acordo com o ensaio de Agamben (2009), o autêntico contemporâneo consegue afastar-se do seu momento para melhor compreendê-lo. Esse desprendimento também é possível através do conhecimento histórico do indivíduo, uma vez que, o conhecimento histórico é, em boa parte, formador de consciência crítica e reflexiva.

O contemporâneo cultiva uma relação particular com o seu tempo, aderindo e tomando distância simultaneamente. Neste sincronismo, produz a lucidez necessária para o entendimento do seu presente. Portanto, a historiografia transporta muito mais uma inteligência sobre o presente na qual foi escrita, do que propriamente sobre o passado a que se refere. Assim, a historiografia poderá convencionar os fatos ao ponto de vista do observante, o historiador ou o leitor, que a tornará uma representação pontual da história.

A respeito deste pensamento, demonstram-se algumas correntes historiográficas que versam sobre a Guerra da Tríplice Aliança alternando os pontos de vista sobre o conflito. Em um primeiro momento, a historiografia tradicional (dos vencedores) ou historiografia de trincheira que promoveu uma narrativa que atacou o governo do Paraguai ainda no transcorrer da guerra e, sobretudo, após o conflito. “A interpretação predominante, quer nos anos de guerra, quer posteriormente, foi a de que o Paraguai agrediu o Império brasileiro sem ter motivos diretos para tanto.” (DORATIOTO, 2008, p. 3).

Do mesmo modo, Francisco Solano López era compreendido como um governante interesseiro e sanguinário, e conseqüentemente, responsável pela guerra. Citam-se dois exemplos dessa corrente a partir das obras: A retirada de Laguna de Alfredo de Taunay (1871) militar do então exército imperial e que atuou na guerra e o Diário do Conde d’Eu (1869 – 1870). O diário foi escrito em francês e a próprio punho pelo nobre francês, naquele momento, comandante em chefe das tropas brasileiras em intervenção no Paraguai. O documento é rico em informações históricas e ganhou uma nova edição com tradução e notas de Rodrigo Goyena Soares – Editora Paz – em 2017.

O diário proporciona ao leitor a sensação de residir no recinto e no tempo dos escritos de Gastão de Orléans². Em 8 de abril de 1869, desde Buenos Aires, o príncipe imperial consorte do Brasil escreveu: “Ao abrir a janela, às sete horas, recuei horrorizado

² Louis Philippe Marie Ferdinand Gaston, nobre francês membro da Casa de Orléans. Nascido em Neuilly-sur-Seine em 28 de abril de 1842 — Morto a bordo do navio Massilia no Oceano Atlântico em 28 de agosto de 1922.

pelo frio. Escrevi cartas para o Rio e, às 9h30, depois do café da manhã, o ajudante de ordens do presidente veio apanhar-nos para o embarque.” (DIÁRIO DO CONDE D’EU, 2017, p. 73). Assim sendo, deixou Buenos Aires e dirigiu-se à cidade de Assunção.

Em seguida, especialmente no Brasil, o revisionismo positivista ou republicano passou a questionar a legitimidade da guerra. Sobretudo, após a Proclamação da República do Brasil em 1889. “Após o golpe militar que derrubou o Estado Monárquico em 1889, e instalou a República no Brasil, a legitimidade da guerra passou a ser questionada pelos positivistas brasileiros.” (DORATIOTO, 2008, p. 5). Apesar disso, os positivistas destacaram os nomes dos oficiais do exército e da marinha que dela haviam participado. Porém, a partir da década de 1870, os jornais brasileiros *A Reforma* e *A República* difundiram a doutrina positivista e duras críticas ao desempenho do governo monárquico. Outras obras de caráter positivista também foram especiais ao criticarem o papel da guerra, mas, mesmo assim, exaltarem os militares brasileiros: *A Guerra do Paraguai* de Raimundo Teixeira Mendes, publicada em 1920 e os cinco volumes da obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai* considerada no Brasil a maior historiografia clássica sobre o conflito e escrita pelo General Tasso Fragoso.

No Paraguai, a partir da década de 1920, o revisionismo promoveu a ressemantização da imagem de Francisco Solano López e do próprio significado do conflito. Desse modo, construiu-se um passado mítico, uma “idade de ouro” do Paraguai, (DORATIOTO, 2008). A historiografia revisionista e nacionalista paraguaia apresentou como fundamental característica a “limpeza da imagem” do Mariscal López. O revisionismo também passou a distingui-lo, notadamente, na Argentina e no Brasil, como símbolo de resistência ao imperialismo britânico, sobretudo, entre as décadas de 1960 e 1980. Noutro viés, o *lopizmo* foi uma ideologia muito presente no governo totalitário do General Alfredo Stroessner, que governou o Paraguai entre os anos de 1954 e 1989. Dentre os principais autores paraguaios do revisionismo histórico destacou-se o jornalista Juan Emiliano O’Leary (*El Reivindicador*). O autor escreveu importantes obras, por exemplo: *Historia de la Guerra de la Triple Alianza* (1912), *Nuestra epopeya* (1919), *El libro de los héroes* (1922), *El Paraguay en la unificación argentina* (1924), *El héroe del Paraguay* (1930), *Los legionarios* (1930), *Apostolado patriótico* (1933), dentre outras.

Conforme Doratioto:

Era a origem do nacionalismo lopizta que preencheu um vazio ideológico da pequena juventude universitária paraguaia da época que buscava referências históricas em que se apoiar, para pensar o futuro do país, e se deparava somente com o discurso liberal de crítica ao passado e de seus ditadores. (2008, p. 7).

No Paraguai, a partir da década de 1950, intelectuais liberais em oposição à ditadura de Stroessner desenvolveram críticas à figura de López e o modo como a mesma era utilizada como propaganda política pelo regime stroessinista. Um dos mais extensos trabalhos e que merece destaque foi a obra *Hace 100 años: Crónicas de la Guerra de 1864 – 1870* do historiador, político e periodista Efraím Cardozo.

No trabalho com predicados de documentário histórico, publicado na coluna diária do jornal *La Tribuna* em Assunção entre 1965 e 1970 com o título *Hace 100 años* e posteriormente reunido em uma coleção de treze tomos com esclarecimentos sobre os acontecimentos diários da guerra publicados entre 1967 e 1982, com segunda edição reunida em quatro volumes em 2010, Cardozo, preocupou-se com a imagem e a importância dos liberais paraguaios na segunda metade do século XX ao escrever sobre aqueles acontecimentos. A sua historiografia não deixou de ampliar uma crítica à Tríplice Aliança na guerra contra o Paraguai, entretanto, recriminou os sucessivos erros do governo de López antes e durante a guerra de 1864 – 1870.

Efraím Cardozo foi expoente da nova historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança, embora seus escritos a respeito do assunto tenham sido publicados tão-somente a partir da década de 1960. Apesar disso, ainda é um autor pouco ou nada explorado no Brasil e suas principais obras que versam sobre o tema: *El Imperio del Brasil y el Rio de la Plata: antecedentes y estalido de la Guerra del Paraguay* (1961) e a já referida *Hace 100 años: Crónicas de la Guerra de 1864 – 1870* não possuem traduções para a língua portuguesa.

Os escritos do autor sobre a guerra elucidam, ainda, o contexto político-econômico da Fronteira Platina durante a segunda metade do século XIX. Entretanto, a sua obra significa um divisor de águas frente à historiografia revisionista, sobretudo, no Paraguai. Isto porque, Cardozo ao embasar a sua pesquisa em documentos históricos do período da guerra, contradiz a ideologia stroessinista vinculada à figura de López. Desse modo, a construção de

uma narrativa a respeito da Guerra da Tríplice Aliança é sempre carregada de subjetividades políticas.

Além disso, como referido antes, desenvolveu-se a partir da década de 1960 uma historiografia revisionista anti-imperialista. Esta historiografia apresentou o Império Britânico como o grande causador da Guerra da Tríplice Aliança. Concomitantemente, na Argentina e no Brasil, destacaram-se as obras *La Guerra del Paraguay, gran negocio!* (1968) de León Pomer e *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* (1979) do jornalista Júlio José Chiavenatto. Nada obstante, as narrativas produzidas nesta circunstância, ainda encontram-se presentes no ensino de História e nas percepções acadêmicas sobre o tema.

Historiografia e narrativa histórica

O sentido da história e do passado sempre foram mantidos por narrativas que resguardam ou acometem interesses sociopolíticos e que, na maior parte das vezes, acabam informando mais sobre o presente do que sobre o acontecido. Deste ponto de vista, a historiografia é, sobretudo, uma narrativa política. “Sabe-se, muito bem, que toda a produção intelectual carrega consigo valores da época em que foi escrita e do seu autor.” (DORATIOTO, p.15). Mesmo que demonstre fundamentação em documentos e evidências consistentes, pois que, toda a interpretação da História é uma avaliação política carregada de subjetividades.

Apesar disso, nem todos os agentes históricos possuem a instrumentalização necessária para efetivarem uma leitura crítica da História. Nesse viés, as relações de comunicação praticadas em sociedade são sempre relações de poder que dependem do capital material ou simbólico acumulado pelos agentes. (BOURDIEU, 1989). Portanto, o historiador desempenha um importante papel social na educação e seu compromisso deve ser um compromisso moral com a veracidade dos fatos ou historicidade.

A narrativa histórica é uma deliberação resultante de um ato político. Entretanto, essa percepção não deverá ser um problema para os historiadores, uma vez que, toda a história é política e possui um compromisso com a sua própria historicidade, ou seja, a qualidade ou a veracidade daquilo que é literalmente histórico e orienta a construção da individualidade dos agentes históricos na coletividade política das sociedades históricas.

A História procede, aproximadamente, do século V a.C, período da antiguidade grega que presenciou também o nascimento da dialética, da política e da democracia no

âmbito das chamadas *poleis*, as cidades-Estado como, por exemplo, Atenas. “Tais *pólis*, eram organizadas com base em uma série de leis ou normas, fruto do debate entre os cidadãos que a compunham.” (SOUSA, 2018, p.2).

Por conseguinte, a História sempre esteve pautada no exercício político e democrático, por isso que, igualmente regulada por debates. Destarte, necessita-se compreender a narrativa histórica e suas produções simbólicas como instrumentos de dominação ou emancipação do pensamento crítico e histórico dos agentes, aliás, este compromisso deverá recair resolutamente sobre os ombros do historiador.

O historiador é um Édipo. E Édipo, é ele próprio um psicanalista, em sentido literal: um libertador de almas. Devemos entender *almas* no sentido antigo: as almas que devem ser libertadas são os habitantes dos Infernos que gemem por sua condição de sombra e suspiram pelo sangue da vida terrestre. Mais feliz do que os viajantes Ulisses ou Eneias, o historiador tem o poder de devolvê-las à vida, porque conhece o segredo de sua morte, o segredo que ele resume num deslocamento ínfimo e decisivo do sentido: as almas mortas dos Infernos são de indivíduos que morreram *cedo demais para saber* o que viveram, que morreram *por não ter sabido suficientemente cedo* o que significa viver, por não ter sabido dizê-lo. Michelet empresta sua pena a eles para que eles mesmos confessem o segredo de sua morte, que é não ter conhecido o enigma da vida. (RANCIÈRE, 2014, p. 94).

A narrativa histórica consolida a visão de mundo do historiador e, ao mesmo tempo, estabelece uma complexidade à ciência histórica ao ser estudada. Por isso, a complexidade presente na narrativa histórica a transforma em uma importante fonte documental sempre suscetível a interpretação e a discussão no campo da Teoria da História, desde que, seja empregada uma metodologia adequada verificando-se as fontes históricas acessadas pelo pesquisador. Porquanto, a historiografia evidencia a característica da interpretação do historiador sobre os documentos e sobre os acontecimentos.

Efraím Cardozo e a historiografia liberal

Efraím Cardozo nasceu na cidade de Villarrica em 16 de outubro de 1906 e faleceu em Assunção em 10 de abril de 1973. Em 1917 fundou e dirigiu o jornal escolar *El Guaireño*. Em 1932, doutorou-se em Direito e Ciências Sociais pela Universidade Nacional de Assunção com a tese intitulada *El Chaco en el Virreinato del Río de la Plata*. De acordo

com Corbo, “obra en la que evidencia una de sus principales preocupaciones histórico-políticas, relacionadas con la crítica situación que se vivía entre Paraguay y Bolivia”. (CORBO, 2012, p. 16).

Prestou inumeros serviços ao Estado, sendo Secretário da Presidência da República do Paraguai (1928-1932); Secretário da representação diplomática paraguaia no Rio de Janeiro (1933); Secretário da Comissão Nacional de Limites (1933-1936); Secretário do Chanceler nacional na mediação americana que levou à assinatura do Protocolo de Paz entre Paraguai e Bolívia em 12 de junho de 1935; Conselheiro e secretário geral da delegação do Paraguai em consequência da Conferência de Paz do Chaco (1935-1936); Delegado plenipotenciário do Paraguai na Conferência de Paz do Chaco (1937-1938); Delegado do Paraguai perante o Colégio de Arbitragem do Chaco (1938); Deputado Federal (1938-1939); Enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Paraguai em Buenos Aires (1940); e Senador da República (1968-1973). Durante o mandato presidencial de José Félix Estigarribia (1939 – 1940), Cardozo ocupou o Ministério da Justiça, Culto e Instrução Pública. Apesar disso, após a morte de Estigarribia, deixou o Paraguai e se estabeleceu em Buenos Aires onde escreveu para os jornais *La Nación*, *La Prensa* e *La Razón*.

Ainda, como diplomata, participou das negociações do tratado de paz, amizade e limites que estabeleceu um acordo entre o Paraguai e a Bolívia e pôs fim a um conflito secular entre os dois países em 21 de julho de 1938. Igualmente, integrou a Comissão Nacional de Limites e na Guerra do Chaco (1932 – 1935) “desempeñó um rol fundamental en las negociaciones que permitieron el fin de las hostilidades y el establecimiento definitivo de los límites entre los países” (CORBO, 2012, p. 16). Além disso, teve participação no tratado de Buenos Aires de 1938, acordo que impôs limites entre o Paraguai e a Argentina.

Foi membro do primeiro Partido Liberal do Paraguai, ocupando a sua presidência, entre 1970 e 1972. O atual Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA) foi fundado de modo clandestino por Domingo Laíno em 1978, ainda que, descenda do antigo Partido Liberal fundado em 2 de julho de 1887. No mesmo ano, em 11 de setembro de 1887, foi fundado o Partido Colorado. A ampliação dos partidos Liberal e Colorado estabeleceram intensas disputas políticas e modificações governamentais que foram significativas na história paraguaia a partir da segunda metade do século XIX.

Em consequência da sua posição política, Efraím Cardozo esteve exilado por oito vezes entre os anos de 1936 e 1962. Durante sete de seus exílios, residiu em Buenos Aires e no decorrer do último, residiu em Montevideo. Escreveu em periódicos do Paraguai e da

Argentina. Como Jornalista foi editor, secretário de redação e diretor, sucessivamente, de *El Liberal* de Assunção (1925 – 1936); editor do *La Razón* de Buenos Aires (1936 – 1937 e 1942 – 1953); colaborador dos jornais *La Nación* e *la Prensa* de Buenos Aires; e editor permanente de temas históricos do jornal *La Tribuna* em Assunção (1964 – 1973) escrevendo por um ano a seção *Hoy en nuestra historia* em que destacou acontecimentos que marcaram a história paraguaia.

Entre 1º de fevereiro de 1965 e 1º de março de 1970, publicou no jornal *La Tribuna* em Assunção a coluna *Hace 100 años*, onde diariamente, narrou episódios da Guerra da Tríplice Aliança, exaltando o Paraguai, no entanto, criticando o desempenho de Francisco Solano López. Foi diretor do jornal *El Radical* e colaborador da *ABC Color*. Militante do Partido Liberal, “Entre 1951 y el 53, nuevamente exiliado, participará de la redacción de ‘Heraldo’, vocero del Partido Liberal, dirigido por José P. Guggiari, hoja que por ese tiempo entra clandestinamente en el país y cuya distribución significa riesgo cierto para quienes participan de ella.” (VELÁZQUEZ, 1987, s.p).

Exerceu a docência no ensino superior na Universidade Nacional e na Universidade Católica de Assunção. Na Espanha, ministrou o curso de História paraguaia na Escola de Estudios Superiores Hispano-americanos de Sevilha. Comprometido com questões políticas, expressou o interesse pela história do Paraguai em diversas obras e recebeu em 1961, em Montevideu, Uruguai, o *Premio Alberdi-Sarmiento* pelo jornal argentino *La Prensa*.

O autor publicou entre outros textos: *El Chaco y los Virreyes* (1934); *Paraguay Independiente* (1949); *Vísperas de la Guerra del Paraguay* (1954); *23 de Octubre. Una página de historia contemporánea del Paraguay* (1956); *Historiografía paraguaya* (1959); *El Paraguay colonial* (1959); *El Imperio del Brasil y el Río de la Plata* (1961); *Historia cultural del Paraguay* (1963); *Los derechos del Paraguay sobre los Saltos del Guairá* (1965); *Breve historia del Paraguay* (1965); *La Liebig’s en el Paraguay* (1965); *Efemérides de la historia del Paraguay* (1967); e *El Paraguay de la conquista* (1973), esta obra, publicada somente em 1996. No conjunto, a historiografia produzida por Efraím Cardozo discorre sobre o Paraguai e sua relação com a polêmica e problemática política rioplatense dos séculos XIX e XX, um enredo histórico que continua a desdobrar-se no presente.

Um dos mais importantes trabalhos de Cardozo foi *Hace 100 años: Crónicas de la Guerra de 1864 – 1870*. Inicialmente, as crônicas foram publicadas na coluna diária do jornal *La Tribuna* entre 1965 e 1970 com o título *Hace 100 años* e posteriormente reunido em uma coleção de treze tomos com esclarecimentos sobre os acontecimentos diários da

guerra publicados entre 1967 e 1982, com segunda edição reunida em quatro volumes pela editora *El Lector* e publicada em 2010, o autor, preocupou-se com a imagem dos liberais paraguaios da segunda metade do século XX ao escrever sobre aqueles fatos. Esta historiografia não deixou de ampliar uma crítica revisionista aos aliados na guerra contra o Paraguai e, principalmente, a política desenvolvida pelo Império do Brasil na Fronteira Platina. Apesar disso, a obra criticou os sucessivos erros do governo de Francisco Solano López durante a guerra de 1864 – 1870.

Cardozo disparou críticas à memória de Francisco Solano López, um herói fabricado pela historiografia revisionista paraguaia, sobretudo, a partir de 1920 e, do mesmo modo, consolidado pela ditadura stroessinista que acometeu aquele país entre 15 de agosto de 1954 e 3 de fevereiro de 1989. Crítico do Lopizmo, o autor promoveu a defesa do povo e das forças paraguaias em sua historiografia, ponderando sobre a resistência e o patriotismo de ambos durante o período da Guerra da Tríplice Aliança.

O autor preocupou-se em construir uma narrativa cronológica sobre a guerra tendo como base documentos históricos e opiniões publicadas nos periódicos daquele período. Uma de suas fontes, embora contraditória a sua disposição político-ideológica, foi o jornal *Semanario*, responsável por publicar em Assunção os posicionamentos ultraconservadores de Carlos Antonio López, e depois, de Francisco Solano López, convertendo-se assim, no jornal oficial do governo durante a Guerra da Tríplice Aliança. Cardozo incorporou essa visão tradicional da mídia em sua construção épica da trajetória paraguaia na guerra. Ainda que, suas crônicas não pusessem em evidência a figura de López. Citado pelo autor, o jornal *Semanario* destacou em 1866 a gloriosa presença paraguaia no rio Paraná.

Nuestros vapores y nuestras canoas ostentan el paño tricolor sobre las aguas del Paraguay y Paraná, y el enemigo por más superior que fuese su poder fluvial en número, no se atreve a seguirlos. ¿Por qué procede así la Triple Alianza? La verdad es que el valor y demás virtudes que han probado en nuestros soldados son desconocidos em los hombres armados de las potencias aliadas. El juicio está formado con estos antecedentes y el reciente suceso de que hasta nuestras débiles canoas dominan el río Paraná y a despecho de los vapores de guerra de la Triple Alianza son señores del anchuroso río, con soldados cuyo valor y decisión les llevan em busca del enemigo em sus propios atrincheramientos, que después de tantos humos de guerrero y de valiente viene a clavarse em la otra banda de aquel río y no pretende afrontarnos em justa lid. La Triple Alianza no puede vencer al Paraguay. (CARDOZO, 2010a, p. 303).

Para Cardozo, López tinha instintos sanguinários. Conforme o autor, “así como los brasileños ponían inaudita ferocidad en sus acciones militares, así también López, enloquecido por la derrota, ya no refrenó sus instintos sanguinários”. (CARDOZO, 1965, p. 107). Após a primeira fase da guerra o governo paraguaio produziu uma cartilha que devia ser entregue aos soldados, camponeses e cidadãos alfabetizados em espanhol ou guarani, e que realizavam naquele momento a defesa militar do Paraguai com instruções a respeito da possível invasão do território pelo exército inimigo.

Conforme Cardozo, em 1º de março de 1866 trinta mil paraguaios esperavam entrincheirados no vasto campo do *Paso de la Patria* o momento supremo de medir forças com o inimigo, muito superior em número e recursos. Assim sendo, nos momentos de repouso, a cargo dos oficiais do exército, lia-se e discutia-se o texto da cartilha. O documento era intitulado: *Para el soldado y el ciudadano paraguayo en las emergencias de la guerra: vencer o morir*. (2010). O documento apresentava a guerra como uma “causa santa” para todos os paraguaios. Leia-se:

Grande y santa es la causa que ha puesto las armas en nuestras manos: grande, porque su defensa vale la defensa de los más altos principios americanos, de la nacionalidad, de la raza, y del gran porvenir que espera a los países libres que pueblan los hispanoamericanos; santa porque luchamos por hacer respetar el código de las naciones, los preceptos del derecho; porque no queremos consentir que se atente contra nuestra independencia ni se insulte nuestra dignidad. [...] *Cada soldado, cada ciudadano lleve, pues, inscrito em su corazón este lema: “VENCER O MORIR”*. (CARDOZO, 2010, p. 307). [grifo do autor].

Em seguida das transcrições dos trechos que enalteciam o patriotismo e a importância da resistência dos “bravos paraguaios” que deveriam lutar pela “causa santa” da guerra e “vencer ou morrer” no campo de batalha, Cardozo encerrou a exposição mencionando que o autor daquele documento era o próprio López, deste modo, de forma irônica, conclui: “Cuatro años después habría de cumplir el sagrado juramento”. (CARDOZO, 2010, p. 307). Referindo-se a morte do governante paraguaio em 1º de março de 1870. De tal modo, seguem nas entrelinhas as críticas de Efraím Cardozo à figura de Solano Lopez claramente dessemelhante da apologia ao *lopizmo* desenvolvida por Juan E. O’Leary e ao que fora concretizado no governo de Stroessner, no momento das publicações de Cardozo.

Anteriormente aos tomos, as crônicas de Cardozo haviam sido publicadas diariamente no jornal *La Tribuna* de Assunção em uma seção denominada *Hace 100 años* entre 01 de fevereiro de 1965 e 1º de março de 1970. O jornal *La Tribuna*, “teve a função de ser porta-voz da ala conservadora do Partido Liberal” (POZZO et al., 2016, p. 157) ainda levando-se em consideração que os liberais eram oposição ao Partido Colorado do General Stroessner.

O jornal *La Tribuna* foi fundado em 31 de dezembro de 1925 pelo ex-presidente Eduardo Schaerer que governou o Paraguai entre 1912 e 1916. Em 1941, após a sua morte, assumiu o jornal o seu filho Arturo Schaerer. Contudo, em 1978 o jornal tornou-se propriedade do advogado Oscar Paciello, na época membro do partido Colorado do Paraguai. Os liberais, grupo político a qual pertencia Efraím Cardozo, sempre haviam sido opositores dos regimes autoritários e ditatoriais e estavam ainda mais isolados e enfraquecidos durante o regime instaurado por Stroessner em 1954, e que perdurou até 1989. Portanto, por motivos políticos, os liberais foram obrigados a mostrarem-se patriotas, pois eram acusados de traidores, “legionários” e criminosos políticos.

De forma conceitual, o Liberalismo surgiu na Europa em meados do século XVII em oposição ao Absolutismo e no campo político estabeleceu a construção do Estado de Direito e dos pilares da Democracia Liberal. John Locke foi o primeiro filósofo a discutir o liberalismo político, sendo que, em seu pensamento, o governo deveria preservar os direitos dos cidadãos, incluindo o direito à liberdade, o direito à vida e o direito à propriedade. De tal modo, o Liberalismo Político opôs-se ao Absolutismo, protestando a respeito da legitimidade de um governo que não assegurasse os direitos do povo.

O Liberalismo Político adotou o sistema de separação de poderes de Montesquieu. Por conseguinte, o Poder Legislativo, tornou-se o representante dos anseios do povo, comprometendo-se com a concepção das leis; O Poder Executivo, destinado a cumprir as leis do Estado e administrá-lo; E por fim, o Poder Judiciário encarregado pela interpretação das leis e o julgamento dos delitos. O direito à liberdade é o principal fundamento liberal, conseqüentemente, no campo político haverá uma ampla diversidade de opiniões e ideologias, todavia, todas garantidas pelo exercício da plena democracia. Dessa forma, o modelo político-ideológico seguido atualmente pelos adeptos do liberalismo, em linhas gerais, também é múltiplice.

Em última análise, deve-se evitar uma comparação entre o Liberalismo Político e o Liberalismo Econômico. Sendo que, o primeiro defende a liberdade política e a democracia, onde as deliberações são coletivas. Já o segundo modelo, defende a liberdade econômica onde as decisões não são essencialmente coletivas, uma vez que, o Estado, instrumento de administração pública, não deve intervir na economia.

Fez-se assim, uma breve intervenção teórica sobre os diferentes liberalismos, para explicar-se melhor o teor político-ideológico do Partido Liberal de Efraím Cardozo, fundado em 10 de julho de 1887 pelos trabalhadores e intelectuais paraguaios, chamado inicialmente de Centro Democrático. Ressalta-se que desde 1870 a política governamental paraguaia havia perdido a sua autonomia e os camponeses as suas terras. O Paraguai endividado e devastado pela guerra passou a ter o seu povo e os seus recursos ainda mais explorados pelos vencedores.

Posteriormente ao exílio, Cardozo não ocupou mais cargos públicos, dedicando-se a pesquisa histórica e a produção de livros e artigos em jornais. Na década de 1960, escreveu um pequeno livro sobre a soberania paraguaia dos Saltos de Guairá, recebendo severas críticas dos partidários colorados apoiadores de Stroessner.

No mesmo período, Cardozo publicou as suas crônicas sobre a guerra disparando cuidadosas críticas a Solano López, porém, enaltecendo o empenho sobre-humano do exército e do povo paraguaio. Ao lerem-se as entrelinhas da obra *Hace 100 años*, percebem-se claramente, que López não apresentava estratégias militares seguras contra os aliados, apesar disso, após narrar a Batalha do Riachuelo, um grande erro tático paraguaio, Cardozo escreveu:

Pero al final, la neta superioridad del armamento naval brasileño sobre la escuadra paraguaya, constituida, en su casi totalidad, por barcos mercantes de madera, inapropiados para acción de guerra, impidió que la escuadra paraguaya recogiera los frutos de la victoria. De todos modos se escribió la página más gloriosa de la armada paraguaya. (2010, p. 132).

O Partido Liberal realizava oposição ao Partido Colorado de Stroessner e por esse motivo Cardozo foi perseguido. No período de Stroessner a figura de López foi cultuada no Paraguai e não caíam bem quaisquer críticas sobre os seus malogros durante a Guerra da Tríplice Aliança. Deste modo, ao publicar a obra *Hace 100 años*, Cardozo foi muito

cauteloso em sua apresentação dos fatos. Depois de relatar a batalha do Riachuelo, disse ter sido a página mais gloriosa da armada paraguaia.

Apesar disso, as obras de Efraím Cardozo aqui citadas produziram reflexões sobre as estratégias militares e sobre o governo de López. Não obstante, na obra *El Imperio del Brasil y el Río de la Plata*, asseverou, embasado nos discursos do congresso brasileiro, que o Império do Brasil apresentava um escopo bem definido em empreender contra o Paraguai. Ao contrário, a vantagem do Paraguai era a guerra defensiva, sobretudo, após 1865. Efraím Cardozo inaugurou uma nova historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança, diferente daquela escrita no início da segunda metade do século XX. Discutiu os interesses do Império do Brasil no Rio da Prata e criticou o governo de Francisco Solano López. Embora, tenha exaltado a bravura dos soldados paraguaios no *front e* corroborado com o pensamento que lembra a guerra como uma epopeia nacional. Sobre a morte de López e o fim da Guerra, o autor assevera a visão do General Dionísio Cerqueira: “Cuando llégo al campamento del ejército, em Rosario, la noticia del gran acontecimiento, vi, em medio de los vivos e himnos de alegría, deslizarse lágrimas silenciosas por las faces adustas de los prisioneros de guerra.” (CARODOZO, 2010, p. 492). Deste modo, percebe-se que a História é continua, impregnada de subjetividades e sempre, sempre passível de releituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CARODOZO, Efraim. **Breve Historia del Paraguay**. Buenos Aires: EUDEBA editorial universitaria, 1965.

_____. **El Imperio del Brasil y el Río de la Plata**: Antecedentes y estalido de la guerra del Paraguay. Librería del Plata. Buenos Aires, 1961.

_____. **Hace 100 años**: cronicas de la guerra de 1864 – 1870. Volume I, El Lector, Asunción, 2010a.

_____. **Hace 100 años**: cronicas de la guerra de 1864 – 1870. Volume II, El Lector, Asunción, 2010b.

_____. **Hace 100 años:** crónicas de la guerra de 1864 – 1870. Volume III, El Lector, Asunción, 2010c.

_____. **Hace 100 años:** crónicas de la guerra de 1864 – 1870. Volume IV, El Lector, Asunción, 2010d.

CASTILHO, Ricardo. **Filosofia do Direito.** 4ª edição. São Paulo. Saraiva, 2017.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Texto publicado com a permissão da Revista Annales, nov./dez. 1989, n. 6, p. 1.505-1.520. Estudos avançados, 1991.

CORBO, Tomás Sansón. **Independencia y nación en las obras de Efraím Cardozo y Juan Pivel Devoto:** ensayo de historiografía comparada. Estudios Paraguayos. Revista de la Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”. ISSN: 0251-2483. Vol. XXIX y XXX, n.ºs 1 y 2. Asunción del Paraguay – 2011 – 2012.

D’EU, Conde. **Viagem militar ao rio Grande do Sul:** agosto a novembro de 1865. Com prefácio e 19 cartas do Príncipe Gastão de Orleans comentadas por Max Fleiuss. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936.

Diário do Conde d’Eu, comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na República do Paraguai. Organização, tradução e notas Rodrigo Goyena Soares. 1ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita guerra:** nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a guerra do Paraguai. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, 2008. Disponível em:
<<https://journals.openedition.org/nuevomundo/49012>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

O’LEARY, Juan E. **El libro de los heroes.** Librería La Mundial. Asunción, 1922.

POMER, León. **A Guerra do Paraguai:** a grande tragédia rio-platense. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1981.

POZZO, Aníbal Orué; FALABELLA, Florencia; FOGUEL, Ramón. **Género y dictadura en Paraguay. Los primeros años del stronismo:** El caso de los 108. Asunción: Editorial Arandurã, 2016.

SOARES, Rodrigo Goyena. Razões e sentidos do Conde D’eu na Guerra do Paraguai. In: D’EU, Conde. **Viagem militar ao rio Grande do Sul:** agosto a novembro de 1865. Com prefácio e 19 cartas do Príncipe Gastão de Orleans comentadas por Max Fleiuss. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1936.

SOARES, Rodrigo Goyena. **Razões e sentidos do Conde d’Eu na Guerra do Paraguai.** In: Diário do Conde D’Eu, comandante em chefe das tropas brasileiras em operação na

República do Paraguai. Organização, tradução e notas Rodrigo Goyena Soares. 1ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

SOARES, Fabrício Antônio Antunes. **A historiografia da nação:** uma interpretação. In: Modernidade sem fronteiras: desenvolvimento e desigualdades entrelaçadas / organizadores: Airton Adelar Mueller, Fabrício Antônio Antunes Soares. – Unijuí: Ed. UNIJUÍ: EDIUNESC, 2018.

SOUSA, Cássio Vinícius Steiner de. **Filosofia Geral e Jurídica.** Editora Saga, 2018.

VELÁZQUEZ, Rafael Eladio. **Efraím Cardozo en la historiografía paraguaya.** Asunción, 1987.